EDITORIAL

Após o Conc. Vat. II, para a Igreja da América Latina, uma primeira tomada de consciência: Medellín. E com ela, uma abordagem incipiente dos problemas comuns, na assimetria das muitas Américas num só continente, das muitas Igrejas particulares numa só Igreja. Abordagem que intenta conciliar essas múltiplas coordenadas e traduzir uma nova identidade: a, da Igreja Latino-Americana, que no fim do século será a maior parte da Igreja.

Medellín é um texto e um contexto: um continente convulsionado e imprevisível em seu devir; um povo, cristão, pela fé professada em suas práticas religiosas, uma sociedade civil, acristã, pela fé negada em sua práxis sócio-econômico-política; uma teologia universal integrando elementos emergentes de uma teologia particular; uma concepção desenvolvimentista, em ultrapassagem por novas mediações analíticas do social; uma opção pelos pobres de ignorado discrimen; uma visão diacrônica mais orientada pelo kairos do que pelo cronos.

Agora, dez anos passados, Puebla. Um contexto ulterior, um novo texto. Um contexto de renovadas ambivalências internas e acrescidos desafios externos. Um texto que intenta a superação dessas ambivalências e canalizá-las, numa corrente dinâmica, em resposta a esses desafios. Medellín foi mais provocativa, mobilizadora e suscitante de uma mística. Puebla, mais discernitiva, formadora, ordenante de uma demarche mais regrada, conjunta, unida. Nem sempre o caminho se faz só andando, sem uma rota definida, um guia seguro, um objetivo certo. Que caminho aponta Puebla? Com que balizamentos demarca a rota a ser seguida? Quais suas opções e seus objetivos?...

Em a "Mensagem aos Povos da América Latina", Francisco Taborda identifica na "óptica do pobre" o posicionamento a partir do qual os Bispos entenderam analisar a realidade. O Evangelho é proposto como solução aos problemas existentes, precisamente porque é matriz dessa óptica e a partir da mesma recebe nova significância para a realidade. Mas poderá o desafio estrutural, que gera a extrema desigualdade entre os homens e ao mesmo tempo destrói a fraternidade, ser respondido pelo intento de se criar uma nova civilização: "a Civilização do amor"? E, em que condições? É o que procura interpretar o autor.

Em "As **Eclesiologias de Puebla**", Jesús Hortal analisa as divergências e suas polarizações na Igreja, à luz do conceito de "confronto dialético". As concepções contrastantes não são via de regra excludentes, mas complementares. Polarizar, radicalizar posições, é fácil; basta obedecer ao autismo reiterativo, à busca de confirmação das próprias opiniões. As partes sociais tendem a esse autismo, também na Igreja. Mas os que se preocupam pela síntese e por um progredir conjunto sobrepõem-se e buscam a complementação, a integração dinâmica dos opostos. E essa uma função que compete particularmente aos que exercem uma autoridade superior na Igreja. Como exerceu essa função João Paulo II em relação a Puebla? Como se articula nas "Conclusões" essa conciliação das divergentes **eclesiologias** em confronto na Igreja? É o que o autor nos descreve.

A "**dimensão política**" do discurso de Puebla esboça-se a partir da concepção de uma potencialidade do Evangelho e da fé de transformar as consciências e dessas, de atuar na transformação da Sociedade. Leopoldo Adami, procura demonstrar como essa potencialidade se atualiza a dois níveis de doutrina e de consciência: ao nível do Evangelho e do **Ensinamento Social da Igreja** e, da consciência individual e coletiva, socializada em comunidade. A Igreja forma dessarte e mobiliza os cristãos para atuar no político, sem no entanto assumir ela mesma, como instituição, quaisquer formas ou modelos concretos do político. Não faltam, porém, os que invocam para a Igreja uma determinada política, uma opção prévia pela luta de classes e pelo socialismo. O autor analisa as respostas de Puebla a essas demandas e suas opções.

A visão de Puebla, suas orientações e diretrizes sobre os "**Meios de Comunicação Social**" são abordadas por Pedro Gilberto Gomes, em confronto com os precedentes documentos da Igreja sobre o assunto, tanto sob o aspecto da "**herança histórica**" que incorporam, como dos avanços que marcam sobre o passado. No corpo principal do artigo, o autor descreve justamente esses avanços.

D. Henrique Froehlich, bispo de uma das "**Regiões de Missão**" mais significativas do Brasil, analisa as "**Perspectivas pastorais de Puebla para as Regiões de Missões**". Partindo da impressionante realidade dos "**grupos culturais**" latino-americanos, ilustrando-a com dados de grande interesse, elucida de maneira especial as "**novas situações missionárias**" emergentes na América Latina. O artigo se completa com a descrição das demandas desses setores missionários a Puebla e das respostas da Conferência a essas demandas.

Esse número da Perspectiva contém ainda um estudo do P. Frederico Laufer sobre o Diálogo Ecumênico Católico-Luterano no Brasil, com a apreciação, através de diversas publicações, das novas aproximações e convergências que se vão criando nesse diálogo e dos novos problemas que suscita.

Puebla é um novo marco histórico para a Igreja na América Latina. Embora a finalidade de suas "Conclusões" não seja a do mero estudo teórico mas a de "desenvolver um processo de assimilação e interiorização do seu conteúdo, a todos os níveis, para levá-lo à sua aplicação" (cf. apresentação); é certo que esse processo não se realizará, sem o estudo aprofundado de sua mensagem, orientado à transformação das "estruturas mentais" (Concl. nº 920), tão decisiva para a transformação das estruturas sociais do nosso continente.

Leopoldo Adami, S.J.